

## COMO DEFINIR A INDISCIPLINA?

Que deve fazer um professor na sala de aula? Ensinar ou manter a disciplina?

É estranho que, em pleno século XXI, a ex-ministra e candidata derrotada à Presidência da França em 2007, Segolène Royal, afirme a necessidade de separar essas duas funções, atribuindo-as a pessoas diferentes. Para ela, o restabelecimento da ordem na escola passa pela presença de um *segundo adulto* nas aulas que apresentam problemas de disciplina.

Essa posição é impossível de se sustentar porque a disciplina é um problema do professor e não de alguém que aparece com uma função de controle. A disciplina faz parte da vida na escola.

Mas como definir a disciplina e a indisciplina? Que dizem os professores? Três pesquisadores, Petinarakis, Gentili e Sénore, interrogaram, em 1997, um grupo de professores, dos quais 90% afirmaram que a indisciplina é um problema real, tanto dentro da sala de aula como na escola. Para muitos deles, a disciplina é instrumental, é uma técnica de gestão de grupos e não deve ser prescritiva nem descritiva. Alguns defendem que a disciplina é um instrumento de iniciação ao senso moral e representa um meio de educar o aluno; para os demais, ela é uma maneira de reconhecer o *outro*. Esse último ponto refere-se à necessidade de trabalhar com a heterogeneidade dos alunos. As respostas

dos professores mostram claramente que são eles que devem ajudar os alunos a interiorizar progressivamente as regras para adquirir o sentido da responsabilidade.

Para eles, a disciplina não é sinônimo de poder, e sim um instrumento para o sucesso do aluno. Além do mais, a disciplina apresenta-se como uma maneira de ser e de se comportar que permite ao aluno alcançar seu desenvolvimento pleno, tomando consciência da existência do outro, e que ajuda, ao mesmo tempo, a respeitar as regras como um requisito útil para a ação. Para esses professores, um aluno indisciplinado é aquele que é provocador (80%), aquele que rejeita as regras (60%), aquele que pode ser insolente ou bagunceiro (70%) ou, ainda, aquele que realiza atos de vandalismo, estragando, por exemplo, o material (50%).

Todos os professores pensam que podem, num dado momento, gerar indisciplina ao cometer injustiças em relação aos alunos, como, por exemplo, demonstrar a preferência por algum deles, estabelecer regras contraditórias, fazer exigências impossíveis de cumprir, não saber ou não conseguir se comunicar.

A associação de indisciplina com agressividade e violência faz com que o problema fique fora do alcance da própria ação pedagógica do professor. Porém, problemas de ordem pedagógica têm uma forte influência na emergência de fenômenos de indisciplina, e analisá-los pode ser de especial ajuda para o professor.

Se as situações de indisciplina escolar têm relação com uma perspectiva pedagógica, isso não significa que outras perspectivas não intervenham.

Quais são as concepções das práticas disciplinares? Como situá-las no contexto cultural e sócio-educativo?

Em geral, o conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina, que na linguagem corrente significa regra de conduta comum a uma coletividade para manter a boa ordem e, por extensão, a obediência à regra. Evoca-se também a sanção e o castigo que se impõem quando não se obedece à regra. Assim, o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regras; e o de indisciplina, com a desobediência a essas regras.

No século XIX, a escola implicava disciplina e castigo, ou seja, o ensino exigia disciplina e a disciplina exigia castigo. Quem era

disciplinado era submisso e obediente, quem era indisciplinado era rebelde e desobediente.

Durante o século XIX e ainda no século XX o professor era a figura autoritária por excelência. Ele falava, ensinava, impunha suas regras sem qualquer discussão e transmitia o conhecimento. Os alunos não podiam falar nem perguntar, e deviam permanecer num silêncio absoluto dentro e fora da aula. A indisciplina não era freqüente, mas existia.

Porém, se sempre houve problemas de indisciplina, porque ela se transformou numa das maiores dificuldades atuais para a educação?

Como toda criação cultural, o conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal. A indisciplina relaciona-se com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais. No plano individual, a palavra disciplina pode ter significados diferentes, e se, para um professor, indisciplina é não ter o caderno organizado; para outro, uma turma será caracterizada como indisciplinada se não fizer silêncio absoluto e, já para um terceiro, a indisciplina até poderá ser vista de maneira positiva, considerada sinal de criatividade e de construção de conhecimentos.

Por que, então, hoje falamos em indisciplina como se fosse um problema fundamental da educação? É que as condutas indisciplinadas se generalizaram, as crianças já não obedecem mais, a idéia de limites desapareceu, a sociedade se transformou, as crianças também mudaram e já não sabemos o que é preciso fazer.

Poderíamos dizer que a indisciplina é provocada por problemas psicológicos, ou familiares, ou da estruturação escolar, ou das circunstâncias sócio-históricas, ou, então, que a indisciplina é causada pelo professor, pela sua personalidade, pelo seu método pedagógico etc. Na realidade, a indisciplina não apenas tem causas múltiplas (ver capítulo “As regras morais e o conceito de indisciplina”), como também se transforma, uma vez que depende de todo um contexto sócio-cultural que lhe dá sentido.

As regras de disciplina podem regular a conduta no sentido de permitir, proibir ou possibilitar. Podem, também, viabilizar a criação. Para isso, o professor deve deixar o aluno falar, perguntar, mexer-se, expressar-se com liberdade e elaborar as suas próprias idéias.

Porém, se a disciplina é uma prática social, ter disciplina para realizar algo não significa ser disciplinado para tudo. A disciplina escolar não se identifica com ordem, e sim com práticas que têm diferentes tipos de exigência. Assim como muitas outras práticas sociais, as condutas de indisciplina chegaram a se transformar num sintoma de um comportamento individual, um desvio, fazendo com que os alunos sejam qualificados ou diagnosticados como instáveis, acelerados, egoístas, individualistas, desrespeitosos, insolentes ou hiperativos. E mais, muitas vezes a indisciplina é interpretada como uma doença que deve ser curada com remédios. Então, prescreve-se ritalina para todos. A indisciplina vira problema para especialistas, médicos ou psicólogos, e deixa de ser um problema que concerne ao professor ou aos pais.

Como definir, então, a disciplina?

No sentido mais geral, a disciplina aparece como um conjunto de regras e obrigações de um determinado grupo social e que vem acompanhado de sanções nos casos em que as regras e/ou obrigações forem desrespeitadas. Um dicionário atualizado de educação diz que a disciplina é um conjunto de regras de conduta, estabelecidas para manter a ordem e o desenvolvimento normal de atividades em uma aula ou num estabelecimento escolar.

Uma pergunta fundamental seria: Qual é a legitimidade da regra e do poder daquele que exerce a força? Para muitos autores, a disciplina na escola tem a ver com o exercício de um poder, o do adulto sobre a criança, o do professor sobre o aluno. Esse poder é outorgado ao professor pelos pais da criança, que lhe deixam exercer, por um tempo limitado, a autoridade parental; e pela sociedade, que exige do professor que exerça sua profissão. A disciplina aparece aqui como uma regra coercitiva à qual o indivíduo se submete por interesse (medo do castigo ou desejo de recompensa).

A disciplina pode ser olhada também como corretiva. Por exemplo, quando a sanção consiste em repetir com ortografia correta uma palavra que foi escrita de forma errada. Porém, o castigo só pode ter um valor educativo se quem o recebe compreende a razão. Isso depende da idade e também, claro, da complexidade da situação. Quando há uma relação exagerada entre disciplina e obediência ou disciplina e submissão, a disciplina pode ser até

negativa. O elemento negativo aparece quando a conduta que o professor classifica como inadequada for taxada de indisciplina. Por exemplo, se o aluno conversa com outro por conta de um problema que foi proposto na sala de aula ou, então, quando o aluno não concorda com a solução do professor etc. Essas condutas não devem ser vistas como atos de indisciplina, e sim como associadas à criatividade do estudante. Se a disciplina só existe pelo medo que o aluno tem de ser castigado ou quando o professor adota uma postura autoritária para estabelecê-la, ela se torna negativa porque, em vez de permitir que o aluno cresça e conquiste sua autonomia, ela o infantiliza e o mantém dependente.

Porém, é evidente que disciplina não é necessariamente negativa. A obrigação de respeitar as regras existe em todos os jogos sociais e esportivos nos quais as regras são a razão de ser e o vínculo entre os participantes.

## POR QUE E COMO SURGEM OS PROBLEMAS DE INDISCIPLINA?

Os problemas de indisciplina traduzem-se de diferentes maneiras. Por exemplo, por meio de condutas como rejeitar a aprendizagem, faltar à aula, não levar os materiais escolares ou não fazer as tarefas. Outra forma é o desrespeito às normas elementares de conduta sem que exista necessariamente a intenção de molestar. E, ainda, os problemas de indisciplina podem se manifestar através de condutas disruptivas. Por exemplo, o aluno fica em pé frequentemente, interrompe o professor, tenta chamar a atenção etc. Essas condutas são incômodas e desagradáveis, tanto para o professor quanto para outros alunos. Em casos extremos, aparecem condutas agressivas.

O conceito de indisciplina não apenas se traduz de múltiplas maneiras, mas é também objeto de múltiplas interpretações. Assim, a questão pode ser observada a partir de diferentes marcos de referência: do aluno, do professor ou da escola. Se considerarmos o referencial do aluno, a noção de indisciplina se expressa em suas condutas, nas inter-relações com seus pares e com os profissionais no contexto escolar e, ainda, no contexto do seu desenvolvimento cognitivo. Um aluno indisciplinado, portanto, é aquele que possui uma conduta desviante em relação a uma norma explícita ou implícita.

Olhando pelo referencial da escola e na medida em que se manifestem as contradições com relação aos referenciais que ela assume, poderia se considerar que é a escola a indisciplinada. Por exemplo, uma escola que se assume como democrática e que manifesta uma ausência desses valores na forma de articular as relações entre alunos e professores pode desencadear resistência, oposição e rebelião por parte dos alunos. A rebelião que, sem considerar o contexto, poderia ser vista como uma forma de indisciplina encontra aqui legitimidade e pertinência.

Se tomarmos o professor como ponto de referência, são suas condutas que aparecem como indisciplinadas quando ele não respeita as normas estabelecidas. Além do mais, muitas vezes a forma de intervir do professor para estabelecer ordem pode gerar indisciplina nos alunos.

Como já vimos, a indisciplina escolar não é um fenômeno estático nem um fenômeno abstrato que mantém sempre as mesmas características. As expressões da indisciplina são susceptíveis de mudança em função da época e do contexto. Em cada caso, é necessário questionar o grau de participação da escola na causa da indisciplina, e não assumir a posição ingênua e autoritária que sugere, sem fundamento algum, que o problema reside e se origina na atitude do estudante.

Se o objetivo for, por exemplo, a formação de um aluno crítico, capaz de pensar e intervir na realidade social e exercer assim uma conduta cidadã, o exercício do pensamento crítico na escola pode tomar a forma de condutas de rebelião e criar situações de conflito com as quais os professores não estão suficientemente preparados para lidar. Além do mais, nesse caso podemos nos perguntar se estamos diante de uma indisciplina ou de uma consciência social em formação. É evidente que, se quisermos que os alunos avancem no sentido da cidadania, é necessário prepará-los para pensar e resolver conflitos. Se eles não se sentirem capazes de elaborar e participar na solução de problemas que, em última instância, podem ir além dos problemas escolares, as condutas de indisciplina serão inevitáveis. E a questão é que o professor também não está preparado para resolver os distúrbios que acontecem em sala de aula. Falaremos do tema do conflito mais adiante.

A inquietação com relação à conduta dos jovens de hoje e à perda da boa educação não é nova nem específica de um determinado país. A afirmação de que os jovens de hoje pensam apenas em si próprios e que não têm qualquer respeito por seus pais ou pelas pessoas mais velhas, ainda que pareça atual, foi enunciada há muito tempo.

A perda de marcos de referência com relação ao comportamento é uma constante da convivência entre gerações. Porém, a deterioração da situação nas escolas é real. Há mais reclamações dos professores e as agressões verbais e físicas contra eles multiplicam-se.

É provável que em cada país a palavra disciplina tenha diferentes sentidos e que, para um aluno, um determinado comportamento seja indisciplinado ou não de acordo com suas normas culturais. Mas também é verdade que, quando as instituições de uma sociedade impedem os pais, outros adultos ou os jovens de participarem na vida das crianças e, dessa forma, o vazio que resulta é preenchido por um grupo de pares, reagrupados segundo a faixa etária, a jovem geração se torna mais alienada, indiferente e violenta, qualquer que seja a classe social.

As investigações comparativas são úteis para identificar diversas aproximações ao problema. Assim, por exemplo, existe um contraste entre as turmas norte-americanas do ensino fundamental, nas quais os limites aceitáveis de conduta dos alunos são negociados constantemente, e as turmas francesas, onde as normas de comportamento são interiorizadas e viram rotina, inclusive entre as crianças pequenas, o que permite que o professor se concentre na transmissão do saber.

Os professores ingleses vêem o conflito entre crianças como um desvio da moral individual; os franceses o vêem como um elemento inevitável e até procurado para a aprendizagem da vida em sociedade.

Na Inglaterra, o professor reage e expressa sua indignação condenando o transgressor unilateralmente. Na França, o professor interessa-se mais pela resolução dos conflitos do que pela caracterização da falta, pedindo aos alunos envolvidos no problema um retorno reflexivo sobre seus atos e encorajando-os a estabelecer boas relações. Reagir à indisciplina de maneira razoável, apostando no raciocínio das crianças, tem mais probabilidade de dar seus frutos em longo prazo.

Mas é difícil alcançar um equilíbrio no ensino entre a promoção de uma consciência coletiva e o desenvolvimento do indivíduo. Uma estratégia em matéria de conduta não serve se o aluno não vê interesse ou pertinência no que a escola propõe. Pode-se impor a obediência, mas não a vontade de aprender.

O problema da indisciplina leva-nos a diferenciá-la da violência.

## VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA

Ainda que em muitas ocasiões a violência social e a indisciplina escolar apareçam associadas, elas não são sinônimas. Se a violência pode ser causa de indisciplina, não é capaz de explicá-la totalmente. Se é possível que a partir da indisciplina se chegue à violência, as causas de uma e outra conduta são diferentes e, conseqüentemente, devem ser tratadas de diferentes maneiras. Não podemos comparar a agressão física ou o vandalismo com as condutas indisciplinadas na sala de aula.

Por outro lado, um bom comportamento nem sempre é sinal de disciplina, porque pode indicar uma adaptação aos esquemas da escola, ou a simples conformidade ou, ainda, apatia perante as circunstâncias. Além da necessidade de superar a idéia de indisciplina exclusivamente como problema de conduta, é importante diferenciar os atos de indisciplina e os atos de violência. O sociólogo francês Ballion pensa que se a violência é um problema da polícia e dos juizes, a indisciplina é problema dos professores e das equipes educativas. Prairat, professor de Ciência da Educação na Universidade de Nancy (França), acrescenta que não há violência escolar, e sim violências que são crimes e delitos repertoriados e sancionados pelo Código Penal. Em compensação, é totalmente legítimo falar em indisciplina escolar, porque as disfunções tais como o ruído de fundo, as conversas incessantes entre alunos, o hábito de jogar papezinhos ou qualquer outro objeto, as piadas fora de lugar, a rejeição do trabalho, o fato de chegar atrasado, as ausências, o barulho etc. estão vinculadas à disfunção disciplinar e pedagógica da aula e da escola. Então, quando se fala em disciplina escolar, se faz referência ao conjunto de dispositivos e de regulamentações estabelecidos para garantir



o desenvolvimento normal das atividades na sala de aula. Além desse aspecto funcional, a disciplina aspira a levar cada aluno ao exercício da responsabilidade pessoal.

Os sociólogos Garcia e Poupeau defendem que a categoria de violência escolar, assim como a de violência urbana, designam fenômenos heterogêneos que às vezes não têm qualquer especificidade escolar. Para esses autores, ao encarar a violência escolar como resultado das práticas inadequadas dos profissionais da escola, isenta-se a questão política e escamoteiam-se as violências que atravessam o mundo do trabalho.

Por outro lado, procura-se legitimar a idéia segundo a qual uma política de segurança deve ser aplicada no domínio educativo. Poupeau afirma que temos passado da idéia da luta contra as desigualdades sociais para a idéia de construção da insegurança como problema prioritário.

Ao mesmo tempo, pede-se dos profissionais da escola que contenham essa violência pelo recurso às forças da ordem. Mas confiar à escola a função de manter a coesão social que o Estado não consegue obter é condenar a escola ao fracasso e alimentar os discursos oficiais sobre sua incapacidade perante os desafios que lhe são apresentados. A insistência sobre o tema da violência na escola parece ser um recurso com que contam alguns professores e pais para dizerem que a situação escolar se tornou impossível, uma vez que a agressão, os insultos, as ameaças, a indisciplina são problemas cotidianos. Como dizem os pesquisadores Garcia e Poupeau, o tema da violência na escola é, por vezes, uma forma de questionar uma política chamada (de maneira apressada) de democratização. Ou seja, a política que administra a chegada de novos públicos. Tal questionamento ocorre, ainda que a anomia escolar não esteja apenas ligada à irrupção de alunos vindos de um meio popular, num sistema escolar do qual, antes, esses novos públicos estavam excluídos. Essa irrupção é acompanhada de uma redefinição da instituição escolar, que se transforma no lugar da gestão das pessoas desfavorecidas e não no lugar da transmissão do saber. Na França, por exemplo, as exigências escolares parecem ser menores atualmente. Isso representa o exercício de uma violência sobre

os meios populares, já que é possível ter um diploma de ensino médio e estar em situação de fracasso escolar. Por esse motivo, Garcia e Poupeau falam em uma falta de escolarização da escola.

A distância que existe entre a missão oficial da escola, de democratização, e a missão efetiva de simples gestão dos setores desfavorecidos ilustra uma ilusão que leva a ver na escola um meio de promoção social. Por isso, quem espera da escola, aquilo que ela não pode dar – isto é, democratizar a sociedade, oferecer um emprego, um lugar na sociedade, uma identidade social – considera que ela se torna detestável e isso causa indignação, pois a escola não consegue satisfazer tais expectativas. Mas, no fundo, essas expectativas equivocadas legitimam decisões políticas.

Como dizem Garcia e Poupeau, pensar que a escola pode “assegurar a promoção social de todos, seria admitir que a luta contra o fracasso escolar pode substituir as lutas sociais que procuram uma distribuição igualitária das riquezas”.

## VOLTEMOS À INDISCIPLINA

Neste livro vamos nos ocupar do problema da indisciplina e não da violência. É provável que as condutas que preocupam o professor sejam as condutas disruptivas na sala de aula, porque elas perturbam e o impedem de exercer a sua função. Como se manifestam essas condutas? O problema é que se manifestam em situações particulares e não se apresentam sempre da mesma maneira. Às vezes é um pequeno grupo de alunos que, ao se aliar, desestabiliza a dinâmica da aula com condutas particulares tais como o desafio verbal, a resistência às atividades propostas ou as brincadeiras insolentes em relação ao professor. Essas crianças tentam testar o poder do professor e descobrir até onde podem chegar. Quando não consegue controlar a situação, o professor, inquieto e saturado, pode se expressar agressivamente, desqualificando o aluno que aparece como o mais provocador. Aluno e professor enfrentam-se, enxergam-se como inimigos potenciais e estão na defensiva.

O problema é que, objetivamente, a relação professor/aluno é desigual. O adulto não pode se comportar feito criança e a criança

não é um adulto. Cada um tem seu papel e ambos ocupam lugares que não são intercambiáveis. É preciso compreender que isso não significa que não possam colaborar e dialogar, mas, se adulto e criança fossem iguais, para que existiria a escola? As condutas e situações de indisciplina geram angústia e quando há angústia não se pode estabelecer uma relação adequada entre professor e aluno; portanto, não se pode estabelecer um clima de trabalho e respeito mútuo.

Se os alunos tiverem na frente da turma um adulto que os respeita, que os escuta, que os trata como pessoas que pensam e que têm o que dizer, e não apenas como alunos que não sabem, situações angustiantes, provavelmente, não ocorrerão. Como deveria ser, então, a relação entre aluno e professor? Um bom caminho seria interagir com os alunos para vê-los e conhecê-los. Assim, o professor agiria a partir de necessidades reais ou explicitadas pelos alunos e não de acordo com suposições a propósito do que o aluno precisaria. Desta maneira, inclusive os problemas de indisciplina poderiam ser vistos na sua própria significação. Não serão os problemas de conduta uma forma de os alunos pedirem limites, afeto, compreensão e amor?

Para a historiadora e filósofa M. T. Estrela, os atos de indisciplina podem ser agrupados em três categorias:

O primeiro tipo de indisciplina caracteriza-se pela intenção de escapar do trabalho escolar considerado fastidioso, pífio, desinteressante ou muito difícil. Evitar o trabalho escolar é, para o aluno, a razão da indisciplina.

A segunda forma de indisciplina tem como objetivo a obstrução. A indisciplina tende a impedir parcial ou totalmente o normal desenvolvimento do curso dado pelo professor.

Finalmente, a terceira modalidade da indisciplina é um protesto contra as regras e as formas de trabalho. Trata-se aqui de denunciar um contrato implícito que funciona na aula sem que a opinião dos alunos tenha sido levada em conta. Através da indisciplina, pretende-se renegociar as regras.

Se pudermos determinar a natureza da indisciplina, as escolas poderão desenvolver uma política disciplinar que especifique estratégias de prevenção e de intervenção, tanto no âmbito da escola quanto da aula, como veremos no capítulo sobre os remédios contra a indisciplina.

É evidente que em uma escola tradicional, a disciplina seja tradicional. Essa escola caracteriza-se por ser um espaço ordenado e controlado, onde as diferentes atividades estão ritualizadas. O movimento, o ato de tomar a palavra, o estudo etc. respondem a rotinas estruturadas. Na escola tradicional, recomenda-se o silêncio, que é considerado, ao mesmo tempo, uma virtude social e uma disposição intelectual. O controle do corpo é constante.

A Escola Nova propõe um outro tipo de disciplina, o autogoverno. Aqui, o conceito de disciplina responde a um sistema de normas que uma organização (a escola, a turma) estabelece a si própria e, também, à obrigatoriedade ou não de cada membro dessa organização cumprir com pautas que, para assumi-las, devem ter sido elaboradas democraticamente e revisadas criticamente por todos os indivíduos participantes.

A idéia de disciplina implica que as normas podem ser reinterpretadas pelos atores e que os processos de negociação de significado das normas são necessários para estabelecer marcos provavelmente provisórios de consenso na escola. Essa forma de entender a disciplina na escola permite a convivência escolar democrática, que não exclui a possibilidade da emergência de situações de conflito. Essa idéia de disciplina inclui a transformação do sistema escolar, que permite tanto aos professores quanto aos alunos exercer a responsabilidade.

Assim, ou temos uma escola tradicional onde os alunos permanecem passivos e aprendem por obrigação, ou temos uma escola nova onde os alunos são ativos e responsáveis pelo que querem estudar.

Precisamos agora indagar mais profundamente o tema da construção de regras inerente à problemática da indisciplina. Trataremos desse assunto no próximo capítulo.

### Em síntese

- A indisciplina é um problema real tanto na sala de aula como na escola.
- A indisciplina implica desobedecer às normas estabelecidas e pode expressar-se de vários modos. Por exemplo: recusar-se a aprender, não respeitar as regras, manifestar condutas inadequadas, fazer barulho e brincadeiras durante a aula etc.
  - Deve-se diferenciar violência de indisciplina, pois esta, ao contrário daquela, deve ser objeto de reflexão e da busca de soluções por parte do professor.
  - Se é verdade que sempre houve problemas de indisciplina, o desconhecimento das fronteiras entre disciplina e indisciplina fez com que esta última se tornasse um termo fundamental da educação.
  - Toda conduta que parece inadequada se transformou em um sintoma de indisciplina, a tal ponto que se julga, muitas vezes, que as crianças precisam receber tratamento. Assim, um problema social se transforma em uma questão psicológica. Mas não é com remédio que se resolve o problema da indisciplina na sala de aula.